

A polifuncionalidade das expressões ‘de qualquer modo’ e ‘de outro modo’ em Português europeu contemporâneo¹

1. Introdução

Este trabalho dá continuidade a um projeto desenvolvido no âmbito do CELGA, sobre conectores discursivos do Português europeu contemporâneo (doravante PEC), de base adverbial ou preposicional, que sinalizam conexões semânticas e/ou pragmáticas entre fragmentos discursivos de extensão variável, contribuindo para a construção de uma representação mental coerente do texto.

É hoje reconhecido que muitos dos conectores discursivos das línguas naturais que operam em sincronia resultam de um processo de gramaticalização de expressões de natureza adverbial ou preposicional que começaram por desempenhar funções sintáticas e semânticas ao nível do conteúdo proposicional de enunciados frásicos (cf., e.o., Traugott & König 1991, Traugott & Dasher 2002). Dado que o processo de gramaticalização não ocorre de forma discreta, desenvolvendo-se gradualmente num continuum, é também reconhecido que as expressões que entretanto assumiram um papel conectivo podem continuar a desempenhar as primitivas funções, em certos contextos, o que dá origem a fenómenos de sobreposição de usos (“layering”). Dito de outro modo, a emergência de novos usos e/ou funções de uma expressão linguística não implica necessariamente a eliminação daqueles que foram os seus usos primitivos.

Assumimos que o processo de recategorização sintática e mudança semântica que dá origem a muitos conectores discursivos pode ser articulado de forma fecunda com uma conceção flexível do significado das expressões linguísticas, concebido como estrutura radial de sentidos e/ou funções que se sobrepõem parcialmente, mantendo entre si ‘parecenças de família’, tal como vem sendo defendido no âmbito da Linguística Cognitiva.

Assim, o quadro teórico que preside ao nosso trabalho é compósito, enformado, por um lado, pelos contributos dos estudos sobre gramaticalização e, por outro, pelos contributos cognitivo-funcionais sobre a flexibilidade do significado linguístico.

Neste estudo, propomo-nos (i) descrever os valores semânticos sincrónicos dos adjuntos adverbiais ‘de qualquer modo’ e ‘de outro modo’, (ii) caracterizar as instruções semânticas e as funções pragmáticas sinalizadas pelas expressões mencionadas quando usadas como conectores, em sincronia, (iii) analisar em que medida se podem interligar os dois usos

¹ Para a Isabel, que sabe estar inteira em tudo quanto faz, com muito afeto.

atestados, de modo a realçar as suas ‘parecenças de família’, (iv) evidenciar o processo de gramaticalização que os dados atestam.

A pesquisa baseia-se predominantemente em dados empíricos recolhidos no CETEMPúblico (vejam em Davies & Ferreira 2006 (www.corpusdoportugues.org)²).

2. De qualquer modo

2.1. Começaremos por analisar o adjunto adverbial de Modo, partindo dos seguintes exemplos:

- (1) “Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo.” (Davies & Ferreira)
- (2) “Além disso, podem ser tratados sem escrúpulos, (...), lançados *de qualquer modo* para a mochila quando se vai ao deus-dará.” (Cetemp)

Os exemplos acima transcritos ilustram paradigmaticamente os usos da expressão no PEC, enquanto adjunto adverbial de Modo. Em (1), trata-se de um adverbial modificador de SV, em posição pós-verbal, com uma função semântica de Modo. ‘De qualquer modo’ funciona como sintagma livre, cujo significado é composicionalmente computado, e, conseqüentemente, transparente, pese embora o seu valor intrinsecamente indeterminado ou impreciso.

Introduzido pela preposição ‘de’ em coocorrência com o operador ‘qualquer’ e o nome ‘modo’, o sintagma, equivalente a ‘de um modo qualquer’, é parafrazeável por ‘de um entre todos os modos possíveis’. ‘Qualquer’ funciona como um quantificador universal, associado ao procedimento geralmente designado como ‘escolha livre’.³ Como afirma O. Lopes, ‘qualquer’ é um quantificador universal com valor etimológico de escolha ao arbítrio do locutor (2005:202).⁴ Comutável por ‘de qualquer maneira’, o adverbial em apreço, graças à presença de ‘qualquer’, designa um conjunto aberto de circunstâncias de modo, e pode funcionar como resposta a uma interrogativa parcial introduzida por ‘como’.

No exemplo (1), enunciam-se inclusivamente alguns dos modos que poderão causar a morte do locutor (*de miséria, de fome*). Ao acrescentar ‘de qualquer modo’, o locutor sublinha que a enumeração das circunstâncias de modo não foi exaustiva e convida o interlocutor a percorrer todo o conjunto de outras opções possíveis, selecionando aleatoriamente uma delas. Ao

² Selecionámos exemplos paradigmáticos de um vasto conjunto de dados analisados.

³ Cf. a noção de “free-choice” (Vendler 1967), a propósito da descrição do funcionamento semântico peculiar do quantificador *any*.

⁴ E o mesmo autor acrescenta que “o quantificador universal pode (...) ser interpretado como a atitude de alguém que repta o interlocutor (...) a escolher arbitrariamente um entre os elementos de dado conjunto” (2005:202-203).

recorrer ao modificador adverbial em apreço, o locutor realça que a predicação (*vou morrer lá*) se mantém válida, independentemente da circunstância de modo selecionada.

Note-se que, com este valor, ‘de qualquer modo’ só pode ser usado em contextos não factuais, isto é, em contextos que envolvem a descrição de eventos que ainda não ocorreram, como acontece no ex. (1). Veja-se a inaceitabilidade de (1 a), que envolve uma interpretação factual da predicação:

(1a) *Morreu de miséria, de fome, de qualquer modo.

Em (2), a expressão, mantendo embora a sua função sintática de modificador de SV, com o mesmo valor semântico de Modo, pode já ser lida como uma combinatória fixa, com elevado grau de opacidade, que comporta um valor de avaliação negativa, parafraseável por ‘de forma desorganizada, sem método, sem cuidado’. Com efeito, nas combinações fixas opacas, também chamadas ‘idiomatismos’, o valor semântico global da expressão não é calculado composicionalmente, ou, noutros termos, não é motivado linguisticamente.⁵ Com este valor, a expressão pode ocorrer em contextos factuais, como se ilustra em (3):

(2) Despejou o lixo de qualquer modo, sem o mínimo sentido de civismo.

Podemos, portanto, concluir que, em sincronia, a expressão em apreço, na sua função sintática de modificador de predicado, tem um comportamento duplo, podendo funcionar como sintagma livre ou como combinatória fixa. A desambiguação só cotextualmente se processa.

2.2. Vejamos agora alguns exemplos em que ‘de qualquer modo’ funciona como conector discursivo:

(3) É possível que chova. *De qualquer modo*, vou sair.⁶

(4) “A sua demissão foi um acidente de percurso que não põe em causa o seu prestígio e a sua capacidade técnica e política. JN - Daniel Bessa foi desautorizado. Que outra hipótese lhe restava? E mesmo Manuela Morgado cumpria rigorosamente, segundo ela própria afirmou, orientações do Governo em matéria de gestão.. NM - Não julgo que as coisas tivessem, de algum modo, decorrido assim. Mas não quero entrar nessa discussão. *De qualquer modo*, é importante reconhecer, no contexto destas duas demissões, o mérito do primeiro-ministro, capaz de uma resposta rápida e eficaz na superação de situações que são sempre desagradáveis.”(Davies & Ferreira)

(5) Tenho para mim que o federalismo não é o modelo mais adequado à preservação das culturas nacionais. Isto porque a forma federal incentivaria a existência de um centro (hegemonizado pela Alemanha) e de periferias claramente subalternizadas,

⁵ No exemplo em apreço, a leitura em termos de combinatória fixa, pré-fabricada, é corroborada pela ocorrência cotextual dos adjuntos adverbiais ‘sem escrúpulos’ e ‘ao deus-dará’.

⁶ Exemplo construído.

a que Portugal obviamente não escaparia. Neste aspeto, eu privilegiaria a forma confederal, por ser muito maior a autonomia de cada Estado-Nação, sem pôr em causa certos objetivos comuns, como a moeda única, a economia integrada, uma política externa, de defesa e de segurança, comum. *De qualquer modo*, a União Europeia é uma grande ideia, que terá de ser aprofundada à medida que se vai construindo e que terá de enfrentar corajosamente contradições e dificuldades imensas. (Davies & Ferreira)

Em (4), a expressão funciona já como conector, parafraseável por ‘seja como for’ ou ‘qualquer que seja a situação’, e é comutável por outros conectores (por exemplo ‘mas’⁷). De facto, a expressão, para além de ter escopo sobre todo o enunciado que introduz e de não responder a uma interrogativa parcial introduzida por ‘como’, articula esse mesmo enunciado com o enunciado precedente. É, pois, um operador de dois lugares, que comporta instruções no plano da sequencialização discursiva.

Note-se desde logo que, com esta função conectiva, ‘de qualquer modo’ ocorre tipicamente em posição pré-verbal e no início do segundo enunciado.⁸

Este conector pode ser analisado a dois níveis: ao nível da instrução semântica que codifica e ao nível da sua função discursiva.

No que ao primeiro aspeto diz respeito, trata-se de um conector cuja ocorrência despoleta uma leitura de alguma forma próxima da que encontramos nas construções condicionais de condição suficiente aberta (ou incondicionais).⁹ Com efeito, numa construção ‘p || de qualquer modo q’¹⁰, o conector evoca exhaustivamente um conjunto de cenários potenciais (para além daquele que já foi verbalizado em p), relevantes num dado momento do discurso, podendo o interlocutor escolher aleatoriamente um deles, e, simultaneamente, implica que nenhum desses cenários impedirá a verificação da situação descrita em q. Por outras palavras, ao enunciar ‘p||de qualquer modo q’, o locutor põe em relevo a verdade/validade de q, assumindo

⁷ Note-se que a comutação não preserva a conexão discursiva sinalizada por ‘de qualquer modo’. A substituição por um outro conector funciona como evidência empírica de que houve uma reanálise ou uma recategorização do primitivo adverbial.

⁸ Como a generalidade dos conectores discursivos, ‘de qualquer modo’ tem alguma mobilidade no interior do enunciado que o acolhe e pode ainda ser combinado com outros conectores (*e* (*,*) *de qualquer modo*, *mas* (*,*) *de qualquer modo*). Como foi já assinalado por Tabor & Traugott (1998), é frequente o processo de ‘fronting’ (anteposição) na gramaticalização de modificadores adverbiais.

⁹ Cf. Peres *et al.*, 1999. Referimo-nos a condicionais como (i) “Qualquer que seja a situação meteorológica, o Paulo sai”, em que se verifica, no primeiro membro da construção, uma quantificação universal sobre situações, associada ao procedimento geralmente designado como ‘escolha livre’ despoletado por operadores como ‘qualquer’. Como afirma O. Lopes 1989, ‘qualquer’ é um quantificador universal, com valor etimológico de escolha ao arbítrio do locutor.

Peres *et al.* caracterizam as propriedades semânticas das incondicionais da seguinte forma: “(i) a identificação pela oração subordinada de um conjunto de situações de que se presume que pelo menos uma poderia impedir a ocorrência da situação descrita na oração principal, (ii) a asserção de que, do ponto de vista da entidade responsável pela proposição, em qualquer daquelas situações se verifica a situação descrita pela oração principal” (Peres *et al.*, 1999:634). Cf. também Zaefferer 1991.

¹⁰ O símbolo || marca uma pausa ou quebra entonacional antes do conector.

que p se verifica independentemente de qualquer condição. Concretamente, em (3), o locutor afirma que vai sair, seja qual for a situação meteorológica que vier a ocorrer.

Nos outros exemplos, o funcionamento do conector é idêntico. Analisemos mais de perto (4): o locutor afirma não acreditar que as coisas se tenham passado exatamente como o entrevistador sugere (e recusa entrar nessa discussão). Seguidamente, recorre ao conector para sinalizar que, quer as coisas se tenham passado desse modo, quer se tenham passado de qualquer outra forma, o que importa reter é o mérito inquestionável do primeiro ministro na resolução rápida da situação. Assim, ‘de qualquer modo’ sinaliza uma vez mais a validade incondicional do que é asserido no enunciado que prefacia.

Em (5), o locutor começa por argumentar contra o modelo federalista europeu, contrapondo a sua opinião favorável ao modelo confederal. Seguidamente, recorre ao conector ‘de qualquer modo’ para sinalizar que, quer se defenda o modelo confederalista, quer se defenda o modelo confederal), o certo é que ‘A União europeia é uma grande ideia’, e esta é a informação que importa reter. De novo encontramos a relação de incondicionalidade: seja qual for o modelo defendido, a asserção prefaciada pelo conector é apresentada como sendo sempre válida. Assim, a informação expressa em q configura uma certeza que, para o locutor, resiste a qualquer cenário.¹¹

À luz da instrução semântica identificada, facilmente se compreende a função discursiva deste conector. De facto, ‘de qualquer modo’ opera ao nível da estrutura temático-informacional do texto, sinalizando rutura temática, focalizando a informação nova que introduz e apresentando-a como sendo a única que a atenção do interlocutor deve reter como relevante. Por outras palavras, ‘de qualquer modo’ constrói um efeito pragmático de ‘foregrounding’, conferindo à informação que prefacia uma saliência cognitiva inquestionável.

Assim, ao seleccionar este conector, o locutor desqualifica o fragmento discursivo anterior, apresentando-o como pouco ou nada relevante. O que é dito no enunciado prefaciado pelo conector impõe-se como a única informação efetivamente pertinente, na perspetiva do falante. E é sobre esta informação que o discurso subsequente se encadeia.

É, pois, possível concluir que a ocorrência deste conector discursivo provoca um efeito de distanciação relativamente ao que foi dito anteriormente, uma vez que o locutor sinaliza como relevante ou cognitivamente saliente apenas a nova informação contida em q, desqualificando e remetendo para segundo plano o que foi previamente verbalizado ou qualquer outra consideração que pudesse ser aduzida.

¹¹ Poderíamos, na esteira do que propõe Rossari a propósito do funcionamento do conector discursivo ‘autrement’, analisar a reconstituição de proposições implícitas evocadas em termos de “acomodação”, conceito cunhado por Lewis 1979: “Une proposition ϕ est accommodée para un agent a dans un contexte C si a assume que ϕ tient dans C pour interpréter le discours meme si ϕ n’est pas explicitement introduite en C.” (Rossari, 2007:23).

Assinale-se que a conexão de incondicionalidade não existe independentemente do uso do conector, ou seja, não pode ser inferida a partir apenas dos conteúdos proposicionais justapostos, como se comprova confrontando (3) com (3 a):

(3 a) Dizem que vai chover. Vou sair.

É o conector que, pela instrução semântica que codifica, ativa a conexão em apreço e, conseqüentemente, desencadeia os efeitos pragmáticos assinalados.

É em textos de natureza argumentativa que o conector se revela particularmente produtivo: ‘de qualquer modo’ parece introduzir sempre a opinião/tese que o falante se propõe defender. Os corpora utilizados oferecem evidência empírica da possibilidade, já mencionada na nota 5, de ocorrências de ‘de qualquer modo’ combinado sintagmaticamente com outros conectores, nomeadamente *e* e *mas*, sendo este último quantitativamente mais expressivo. Veja-se o exemplo seguinte, em que se verifica plena compatibilidade semântico-pragmática entre os dois conectores, já que ‘de qualquer modo’ reforça o valor argumentativo do conector adversativo ‘mas’¹² :

- (6) “Ao nível interno, o seu legado é mais controverso, mas de qualquer modo a ele se devem um código civil e penal, as bases de um sistema de segurança social, a adoção de um sistema monetário unificado (...)” (CETEMP)

Comparando os diferentes usos atestados, em sincronia, verificam-se zonas de sobreposição ou de imbricação, que permitem articular as extensões atestadas sob forma de ‘parecenças de família’:

(i) entre o modificador de SV com valor de modo irrestrito e o modificador com cristalização de valor pejorativo existe uma sobreposição ao nível da função semântica [circunstância de Modo], mas a combinatoria fixa configura já uma extensão de sentido explicável por um processo de especialização [circunstância de Modo avaliada negativamente];

(ii) entre o modificador de SV interpretado como sintagma livre e o conector existe também um espaço de sobreposição, dada a instrução semântica de ‘escolha livre’ associada ao quantificador universal ‘qualquer’. Assim, o modificador de SV denota um conjunto exaustivo de circunstâncias de Modo, num determinado contexto proposicional, e parece implicar pragmaticamente que a circunstância de Modo não é particularmente relevante face à predicação elementar que o modificador expande; o conector evoca um conjunto exaustivo de situações, num determinado contexto discursivo, e simultaneamente assinala a validade inquestionável do enunciado que prefacia, que se mantém independentemente da verificação de qualquer um dos cenários evocados.

¹² Valor amplamente explorado na literatura a partir dos trabalhos pioneiros de Ducrot 1978 e Anscombe & Ducrot 1983.

Entre os usos da expressão como modificador de SV e os usos da mesma expressão como conector discursivo, verifica-se uma recategorização sintática e um correlato alargamento de escopo. Por outro lado, essa recategorização tem reflexos do ponto de vista semântico: o modificador adverbial opera ao nível do plano do conteúdo, expressando circunstâncias de modo, e contribui para o significado proposicional do enunciado. Já o conector, graças à instrução semântica que carrega, opera tipicamente ao nível do plano discursivo/textual, introduzindo uma rutura temática e uma desqualificação retroactiva do(s) enunciado(s) precedente(s) do ponto de vista da sua relevância informacional. O conector aparece, pois, claramente ao serviço da estruturação informacional do texto/discurso, focalizando a informação que o locutor avalia como efetivamente saliente, e que, como tal, considera pertinente reter.

3. De outro modo

Vejam-se agora os exemplos (7) a (9):

(7) “Não se pode construir de outra maneira, há este material e esse saber fazer as coisas. P. - Como é esse saber? R. - Ele é relativamente atrasado ou desfasado das produções centrais e, onde reside a nossa originalidade, é no fazer moderno ou diferente, adaptando as nossas tecnologias. É uma resposta de bom-senso, não temos " know how ", nem capacidade económica para fazer *de outro modo*.” (Davies & Ferreira).

(8)”P. - No fundo, estive sempre perto daquilo que depois teve um nome, um rosto e uma bandeira: Melo Antunes e o " melo-antunismo". R. - Vínhamos de experiências - e de áreas - muito diferentes. Mas a verdade é que tínhamos, afinal, uma perceção convergente da situação de Portugal no contexto dos grandes movimentos do mundo. Tanto ele como eu assumimos totalmente o facto de Portugal ser fundamentalmente (como ainda é, de resto) um país do Sul da Europa. *De outro modo*, não permaneceríamos o país mais pobre da União Europeia, nem faríamos tanto alarde do dinheiro que vem da CE - duas atitudes típicas de países do Sul.” (Davies & Ferreira)

(9)” Tem que haver moderação salarial e regimes laborais flexíveis (...). *De outro modo*, em vez de abaixamento salarial, em 1995 não têm emprego.” (CETEMP)

Em (7), ‘de outro modo’ funciona como modificador de SV, com função semântica de Modo. Parafraaseável por ‘de modo distinto [daquele que foi previamente mencionado]’, a interpretação deste adjunto é textualmente dependente. Podemos, pois, considerar que se trata de um modificador de predicado de natureza anafórica.

Já em (8) e (9), a expressão funciona como conector discursivo, parafraaseável por ‘de (modo) contrário’, ‘caso contrário’, ‘senão’. Num contexto deste tipo_ p || de outro modo q_, o conteúdo proposicional do enunciado prefaciado pelo conector expressa o que

aconteceria/acontecerá (na opinião do locutor) caso não se verificasse/verifique p. Por outras palavras, “de outro modo” convoca uma proposição implícita que denota uma situação contrária àquela que é evocada em p, proposição essa que funciona como antecedente hipotético da proposição expressa em q. Assim, p e q relacionam-se através dessa proposição hipotética ativada pelo conector (de polaridade oposta à proposição evocada em p), cuja verificação acarretaria a realização da situação descrita em q. Trata-se, pois, de uma relação discursiva que poderíamos designar de condição negativa.

A proposição hipotética não explicitada é convocada pelo conector e segundo o mesmo processo de “acomodação” já atrás mencionado¹³. E é a própria semântica do conector que é responsável por esta acomodação, já que ‘de outro modo’ é uma expressão intrinsecamente anafórica, que significa, como vimos, de modo distinto daquele que foi mencionado previamente. No contexto ‘p || de outro modo q’, ‘de outro modo’ convoca anaforicamente a proposição p. Por outro lado, tal retoma, feita em moldes condicionais, envolve uma alteração de polaridade (de outro modo = se não p).

E esta inversão de polaridade pode, a meu ver, ser explicada por um princípio de natureza pragmática. Significa isto que ‘de outro modo’ passa a ser interpretado como ‘de modo contrário’, o que corresponde a uma inferência legitimada por um princípio de economia interpretativa. Em Levinson, tal heurística, designada Princípio de Informatividade, é caracterizada nos seguintes termos: “minimal specifications get to maximally informative or stereotypical interpretations” (2000:37).

Note-se que a relação discursiva de condição negativa não existe independentemente do uso do conector, ou seja, não pode ser inferida a partir apenas dos conteúdos proposicionais justapostos. Veja-se (9 a), que resulta da manipulação de (9), mais concretamente da supressão do conector:

(9 a) Tem que haver moderação salarial e regimes laborais flexíveis (...).Em vez de abaixamento salarial, em 1995 não têm emprego.

(9 a) não configura um fragmento textual coerente. É o conector que, pelas instruções semânticas que codifica, ativa a relação de condição negativa, que permite interligar os dois enunciados de forma coerente.

Voltando aos exemplos, verificamos que podem ser parafraseados por construções condicionais contrafactuais ou condicionais hipotéticas. Veja-se a paráfrase (8 a) do fragmento relevante de (8), e a paráfrase (9 a) de (9):

(8 a) Se Portugal não fosse um país do Sul da Europa_ mas é-o de facto_ não permaneceríamos o país mais pobre da União Europeia (...).

¹³ Cf. nota 10.

(9 a) Se não houver moderação salarial e regimes laborais flexíveis, (...) em 1995 não têm emprego.

Caracterizada a instrução semântica carreada pelo conector, importa agora analisar qual a sua função discursiva. Por outras palavras, importa clarificar o que leva o locutor a introduzir no seu discurso um enunciado prefaciado por um conector que convoca uma hipótese negativa. Analisando globalmente os exemplos, verificamos que é basicamente para validar/ justificar a asserção prévia, o ponto de vista expresso, que o locutor introduz o enunciado prefaciado por ‘de outro modo’.

Vejam os mais de perto cada caso. Em (8), o conector convoca uma proposição condicional contrafactual. Ora é sabido que as construções condicionais contrafactuais funcionam tipicamente como estratégia retórica de negação do antecedente. E negar o antecedente implicitamente convocado e ‘acomodado’ pelo conector equivale a reafirmar a proposição previamente asserida (que, como vimos, tem polaridade oposta), e, conseqüentemente, a reforçá-la. Em esquema, teríamos: $p \parallel \text{de outro modo (se não } p \text{ mas } p \text{)}, q$.

Já em (9), o reforço da asserção prévia envolve uma outra estratégia. Com efeito, o primeiro membro da construção, p , expressa uma asserção deonticamente modalizada pela ocorrência de *tem que*; no segundo membro, introduzido pelo conector, convoca-se uma condicional que, a verificar-se, acarretaria a atualização da situação descrita em q , indesejável ou avaliada negativamente por qualquer interlocutor. Assim, o enunciado introduzido por ‘de outro modo’ funciona ilocutoriamente como uma advertência: sublinhando as conseqüências negativas que a ocorrência de uma eventual situação pode acarretar, o locutor induz uma leitura *a contrario*, uma inferência falaciosa, do tipo ‘se p , não q ’¹⁴, levando o interlocutor a concluir a favor de p . Por outras palavras, a inserção discursiva do enunciado prefaciado pelo conector configura uma estratégia retórica de validação e reforço da asserção prévia.¹⁵ Em esquema, teríamos:

$p \parallel \text{de outro modo (se não } p \text{)}, q$

Se p , não q

Dado que não q é desejável, deve defender-se p

Comparando os dois valores atestados em sincronia, podemos concluir que há uma zona de sobreposição entre o valor do adjunto modal e o valor conectivo de sinalização de hipótese/condição negativa, que reside no seu funcionamento anafórico.

¹⁴ Esta inferência corresponde a uma implicatura conversacional, fundada numa heurística pragmática de maximização da informação. Estamos perante o fenómeno da leitura bicondicional de *se*, conhecido por fenómeno da ‘perfeição condicional’ (cf. Géis e Zwicky 1971). Veja-se ainda Levinson 2000, sobre o Princípio de Informatividade já atrás mencionado, que permite explicar este fenómeno.

¹⁵ Note-se que para a ativação deste esquema inferencial que envolve uma leitura *a contrario*, o enunciado p tem de representar situações não factuais, situações possíveis. Quando p representa uma situação factual ou assumida como certa, como em (9), por exemplo, este esquema inferencial é imediatamente bloqueado.

4. Considerações finais

Neste estudo, propusemo-nos descrever os usos sincrónicos de duas expressões polifuncionais em PEC, ‘de qualquer modo’ e ‘de outro modo’. Cada uma delas pode funcionar, em contextos distintos, como adjunto adverbial de Modo e como conector discursivo.¹⁶

Da análise dos dados, importa destacar as seguintes conclusões:

(i) O valor dos conectores parece-nos, em larga medida, motivado pela semântica dos adverbiais de Modo que assumimos estarem na sua origem¹⁷. Assim, a quantificação universal sobre circunstâncias de Modo expressa pelo adverbial ‘de qualquer modo’ é transposta para a quantificação universal sobre cenários, casos ou situações, quando se verifica a recategorização do adverbial em conector; a expressão de uma alternativa no plano das circunstâncias de Modo, veiculada pelo adverbial ‘de outro modo’, que envolve retoma anafórica (de outro modo = de modo distinto daquele que foi verbalizado no discurso anterior) dá origem à expressão de alternativas proposicionais (de outro modo= se não p).

(ii) As relações/conexões discursivas assinaladas, incondicionalidade e condição negativa, não existem independentemente do uso do conector, ou seja, não podem ser inferidas a partir apenas dos conteúdos proposicionais justapostos. É o conector que ativa as relações em apreço, graças às instruções semânticas que codifica.

(iii) Semanticamente, o conector convoca e acomoda, em ambos os casos, proposições implícitas de natureza condicional: no caso de ‘de qualquer modo’, tal proposição envolve uma quantificação universal sobre situações (de que se presume que pelo menos uma delas poderia impedir a ocorrência da situação descrita em q); no caso de ‘de outro modo’, a proposição implícita retoma o enunciado prévio alterando-lhe a polaridade. No primeiro caso, expressa-se incondicionalidade _ a situação descrita em q é apresentada como válida, seja qual for o cenário convocado; no segundo, expressa-se uma condição negativa_ se não p.

(iv) A instrução semântica codificada pelos conectores motiva e legitima a função discursiva que a eles associamos como valor dominante. Com efeito, ‘de qualquer modo’, no contexto p || de qualquer modo q, ao marcar incondicionalmente a verdade/validade da proposição q, serve uma estratégia discursiva de focalização do conteúdo dessa mesma proposição, marcando a sua relevância informacional, com a consequente desqualificação da informação prévia.

‘De outro modo’, no contexto ‘p || de outro modo q’, convoca uma condição negativa que retoma anaforicamente o enunciado precedente alterando-lhe o valor de polaridade. Nos casos em que ‘de outro modo’ (se não p) é parafraseável por uma condicional contrafactual, o

¹⁶ Tanto quanto é do nosso conhecimento, não se encontra nenhuma referência aos referidos conectores nas gramáticas disponíveis do Português ou em estudos linguísticos especializados. Em ambos os casos, trata-se de conectores a acrescentar à lista dos que ativam leituras condicionais: num caso, uma leitura de incondicionalidade, no outro, uma leitura de condição negativa.

¹⁷ Naturalmente, um estudo de natureza histórica deverá validar esta assumpção.

conector serve uma estratégia retórica de validação e reforço do enunciado prévio, p; ao articular-se com um enunciado subsequente avaliado negativamente, ‘de outro modo’ configura uma estratégia discursiva de captação da adesão do outro ao ponto de vista expresso em p, por via de uma leitura *a contrario*. Em suma, o enunciado introduzido por ‘de outro modo’ valida e reforça sempre a asserção prévia.

(v) Os dados atestam um processo de gramaticalização. De facto, observa-se uma recategorização dos adverbiais em conectores, com fixação sintagmática, uma sobreposição de usos (“layering”), e, finalmente, confirma-se a unidireccionalidade do processo de mudança semântica, que envolve uma deslocação do domínio do conteúdo para o domínio discursivo/textual: “meanings become increasingly proagmatic and procedural since the operative constraints are saliency, subjectivity, etc., i.e., constraints that flow from the linking of communicative and cognitive functions that is language.” (Traugott & DAsher 2002: 40).

Referências

Geis, W. & Zwicky, A. (1971) On Invited Inferences. *Linguistics Inquiry*, 2.

Moia, T. (1992) Aspetos da semântica do operador *qualquer*. *Cadernos de Semântica*, 5, FLUL.

Peres, J., Móia, T. e Marques, R. (1999) Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português. In I.H.Faria (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Ed. Cosmos/FLUL.

Levinson, S. (2000) *Presumptive meanings. The theory of Generalized Conversational Implicatures*. Cambridge/Massachussetts: The MIT Press.

Lopes, O. (2005) Construções concessivas. Algumas reflexões formais lógico-pragmáticas. In F. Oliveira & A.M.Brito (orgs), *Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística (1977-1993)*. Porto:Campo das Latras.

Rossari, C. (dir.) (2007) *Les moyens détournés d’assurer son dire*. Paris: PUPS.

Traugott, E. & König, E. (1991) The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In Traugott, E. & Heine, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Vol.1. Amsterdam: John Benjamins.

Tabor, W. & Traugott, E. (1998) Structural scope expansion and the limits of grammaticalization. In Remat, A.G. & Hopper, P. (eds) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins.

Traugott, E. & Dasher, R. (2002) *Regularities in Semantic Change*. Cambridge: CUP.

Traugott, E. (1997) The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at ICHL XII, Manchester 1995. www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf.

Vendler, Z. (1967) *Linguistics and Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

Zaefferer, D. (ed.) (1991) Conditionals and unconditionals: cross-linguistics and logic aspects. In *Semantic Universals and Universal Semantics*. Berlin/New York: Foris Publications.

